

## **Trabalho Doméstico, precariedade e gratidão**

Análise Crítica do Vídeo “Dona Maria, Doméstica (2018)”

**Beatriz Cezar Soares Siqueira**



A presente análise se propõe a partir da bibliografia discutida na disciplina sociologia do trabalho, propor uma problematização do vídeo “Dona Maria, Doméstica” e da narrativa de Maria sobre suas condições de trabalho. Maria Lucia de Oliveira inicia sua entrevista contando sobre sua infância. Nascida em Garça-SP, foi criada em uma fazenda arrendatária na qual tudo que era plantado tinha uma porcentagem voltada ao dono da fazenda:

“No meio da semana meu pai trabalhava com o patrão e no sábado e domingo ele trabalhava pra ele... ele plantava pra ele. Então a gente tinha a colheita da gente

# Cine Trabalho

separado.” Até 7 anos era filha única, depois seus pais tiveram mais dois filhos. Como a mãe trabalhava junto ao pai na fazenda, ela passou a ser encarregada de cuidar dos irmãos e realizar o serviço doméstico. Já aos dez anos tem a sua primeira experiência em um trabalho assalariado, fazia o serviço de babá para uma vizinha. Nessa mesma idade, ela inicia seus estudos:

“Porque onde nós morava não tinha como eu ir pra escola. Era muito longe.. Aí eu entrava na escola... eu entrava de babá 8 horas, saía 11 horas. Como eu morava perto, eu ia pra escola 11:30, eu entrava 12:30 na escola. Foi aí que eu comecei a estudar... e continuei trabalhando de Babá”.

Continuou seus estudos, e com 15 anos se casou e foi trabalhar junto ao seu marido na lavoura, ambos trabalhavam de segunda a sábado, sem registro por um tempo. Maria narra que continua no trabalho rural por um bom tempo, seus filhos crescem e seu marido morre. Só a partir disso que ela decide ir para a cidade (Marília), e volta a trabalhar como doméstica, também em um emprego sem registro. Se mantém em uma casa por três anos, trabalhando de segunda a sábado 10 horas por dia.

Seu emprego como doméstica nesse relato, vai além dos cuidados com a casa, ao relatar: “ela precisava muito, ela era doente... e eu servia ela até tarde”, sobre sua patroa, Maria expõe que tinha literalmente que cuidar de sua patroa, realizando tarefas extras como, além de fazer comida, ter de ajudá-la a comer. Em sua próxima experiência, ela conta que foi babá, cozinheira, passava, cuidava de três crianças. Trabalhou durante três anos nessa casa com registro na carteira, mas sem direito a folga ou a férias. Com quatro filhos para criar, Dona Maria diz estar “apertada com dinheiro”, e decide sair do emprego e trabalhar como diarista.

Ao relatar sobre o emprego doméstico, é exigido na maioria das vezes que realize quase todas as tarefas das casas, só em algumas não lava roupas e passa. Sobre seu trabalho, diz que consegue enxergar uma satisfação por parte dos empregadores, mas não consegue sentir uma satisfação pessoal por não se sentir valorizada pelo tratamento das pessoas: “É a mesma coisa de uma máquina trabalhando na casa, a pessoa chega e saí, termina, paga o valor do dia e tchau”.

# Cine Trabalho

Quando o vídeo foi realizado, Maria estava a 7 anos na mesma casa, em que mais uma vez além de realizar os trabalhos domésticos, tem de cuidar da sua empregadora, dar remédios e auxiliar até em pequenas tarefas, como acender as luzes. Afirma que gosta do emprego, mas se não precisasse dessa renda, gostaria de passar mais tempo em sua casa lendo, estudando e fazendo coisas em sua própria casa.

A entrevistada diz ser grata por nunca ter tido nenhum problema de saúde porque tem uma amiga que ficou doente trabalhando e só depois de dois anos conseguiu algum auxílio, pois a empregadora afirmava que ela não tinha ficado doente trabalhando. Em sua opinião ela afirma:

“Acho que o trabalho doméstico tem muito o que fazer para melhorar a classe das empregadas, e das diaristas. Porque é uma profissão que muita gente não dá valor, mas que é muito importante né? Importante para as patroas e para quem faz o trabalho. Acho que os direitos né, tinha que... como que eu falo?...As leis sabe.. Igual, essa minha amiga ficou..ih.. faz mais de dez anos que ela ficou sem trabalhar e ela não teve ajuda porque a patroa virou as costas pra ela, e ela não teve como provar”

Percebe-se que Dona Maria tem certa consciência de que exerce um trabalho precário, em relação aos direitos que deveria ter:

“As domésticas deveriam ter um sindicato né!? Elas deveriam ser mais unidas, valorizar mais a classe delas. Eu acho que elas não valorizam”.

Ela mesma sugere que a união dessas mulheres trabalhadoras poderia surtir em algum resultado efetivo em suas vidas. Podemos observar que, assim como muitas mulheres, Dona Maria ao sair do campo com trabalho pouco qualificado, e ir para cidade sem qualificação, começa a trabalhar com emprego doméstico. Trabalho em que já aprendeu a realizar, logo em seus primeiros anos de vida por ser mulher ter que assumir atividades da casa para ajudar seus pais.

Aos 60 anos, Maria afirma que tem vontade de voltar a estudar, mas sabe das dificuldades que enfrentaria. “Eu mesma se tivesse estudado não estaria aqui”, conta ao relatar que em sua época queria estudar, mas por não ter condições financeiras teve de submeter logo cedo ao trabalho para ajudar seus pais. “Eu vou falar, eu tinha muita

# Cine Trabalho

vontade de estudar, depois que meu pai falou que não tinha como pagar, eu nem passei mais perto do colégio! De tanta vontade que eu tinha de estudar!”. Reconhece que o valor do estudo, e que o trabalho especializado lhe daria melhores condições de vida. E que ninguém realmente opta por ser empregada doméstica, mas se submete a esse trabalho por falta de oportunidades melhores. Sendo assim, é uma alternativa para mulheres que não tem nenhuma especialização.

Mesmo passando por diferentes momentos, prós e contras do trabalho. Dona Maria se mostra como uma mulher grata por ter conseguido trabalhar e criar seus quatro filhos. Nisso, ela consegue ter uma realização no que faz pelo o que o trabalho conseguiu proporcionar em sua vida, mas conhece as limitações.